

Parte I: Testes (valor: 4,0)

1. Alternativa a.

Nesse soneto camoniano, o assunto é a persistência do sentimento amoroso, simbolizada pela narração da história bíblica de Jacob. Labão engana-o, entregando-lhe a filha Lia, em vez de Raquel, mas Jacob ultrapassa todas as barreiras criadas por Labão a fim de merecer a pessoa que ama, mesmo que isso implique trabalhar mais sete anos nas terras do futuro sogro. Assim, é correta a **alternativa a**.

2. Alternativa c.

No verso “para tão longo amor tão curta a vida.” há a oposição entre “longo” e curta”. Nas demais alternativas não há oposição de sentido (antítese) entre duas palavras.

3. Alternativa b.

Lírico é o gênero em que um eu lírico, que pode ou não ser o próprio o poeta, expõe suas emoções e sentimentos. Exemplo desse gênero é o primeiro texto (transcrito da lírica camoniana estudada no 2.o bimestre), cujo tema é o amor. O épico pode ser definido como um gênero constituído de longo poema acerca de assunto grandioso e heroico. *Os Lusíadas*, de Camões, é considerado o grande poema épico da Língua Portuguesa e canta os atos heroicos dos portugueses, durante as grandes navegações marítimas no século XV.

4. Alternativa e.

Ondina e Inês mostram-se descontentes diante do fato de serem separadas de crianças que amavam e por quem eram responsáveis: no Texto I, Ondina lamenta que lhe tenham tirado as crianças para quem lecionava. De modo análogo, percebe-se, no Texto II, a preocupação de Inês com o fato de seus filhos serem apartados dela.

Incorreções:

Alternativa a. Somente Ondina é acusada de não ter condições morais de educar bem crianças sob sua responsabilidade. Inês é acusada de adultério, não há crítica à sua conduta como mãe.

Alternativa b. No Texto I, Ondina não afirma que não tem importância o fato de terem lhe tirado os alunos: ao contrário, como ela não pode mais dar aulas, ela fica triste e afirma que nada mais tem importância, nem sua imagem pública, se já perdeu o contato com as crianças.

Alternativa c. No Texto I, Ondina afirma preocupar-se em não chocar as pessoas, já, no Texto II, não há qualquer referência a essa questão: Inês não exige a presença de seus filhos no momento de sua execução nem pretende chocar ninguém.

Alternativa d. O texto I apresenta uma fala de Ondina, não há narração no fragmento, somente no Texto II.

5. Alternativa d.

O fato de Inês estar chorando, ter suas mãos atadas e seus filhos à sua frente, aumentam a dimensão dramática da cena. Da mesma forma, o rei ser identificado como avô também torna a cena mais comovente, já que se explicita a relação de parentesco entre as crianças e o rei: elas ficariam órfãs pela ação do próprio avô. Na cena, porém, Inês não grita, apenas olha seus filhos antes de iniciar seu discurso.

6. Alternativa b.

Sem Medo, em suas divagações, revela o que o incomodava na vida do seminário, referindo-se a uma “nota discordante”, ou seja, a uma contradição evidenciada no fato de os padres pregarem o amor a Deus e, ao mesmo tempo, serem capazes de sadismo e crueldade, como se evidencia no fragmento “Porque é que os padres, tão puros, tão castos, tão bondosos (...), nos faziam a vida negra no Seminário, eram tão arbitrários, tão cruéis, tão sádicos”.

Incorreções:

Alternativa a. O problema de Sem Medo não se refere à personalidade dos padres (uns puros e bondosos, outros sádicos e violentos), mas àquilo que faziam, independentemente de sua personalidade: ele considera contraditório o discurso do amor coexistir com atitudes e castigos severos.

Alternativa c e d. Sem Medo não se refere aos padres que exigiam o celibato de seus discípulos e envolviam-se sexualmente com uma criada como “nota discordante”. Ele cita essa situação apenas para ilustrar sua curiosidade acerca do que “eles nos proibiam de ver ou ouvir ou sentir”.

Alternativa e. Sem Medo não se refere à conduta de Deus, mas sim à dos clérigos.

7. Alternativa c.

Sem Medo afirma que “comungou em pecado mortal”, porque o fez sem ter sido honesto em sua confissão, omitindo do confessor o fato de ter feito sexo com a criada que trabalhava no seminário. Isso se constata em “Confessei-me na manhã seguinte e escondi o fato, pois seria expulso: já não acreditava no segredo da confissão. E comunguei em pecado mortal, pois, se o não fizesse, notar-se-ia que qualquer coisa se passava.”

8. Alternativa a.

No Texto I o Comissário evidencia a designação que os portugueses (os detentores do poder) têm sobre a atividade dos guerrilheiros, acusando-os de bandidos, ladrões e assassinos, quando, segundo o Comissário, eles são soldados que lutam pelo povo. Assim, das designações referentes ao Texto I presentes nas alternativas, apenas não se associam ao discurso do dominador “soldados” (**alternativa d**) e “colonialista” (**alternativa e**). No Texto II, o Velho do Restelo observa que aqueles que apoiam as navegações (detentores do poder) chamam a cobiça de “ilustre”, “subida” “fama” e “glória soberana”, quando, na verdade, é digna de “vitupérios”. Assim, representam a visão dos dominadores os termos “ilustre” (**alternativa a**) e “subida” (**alternativa d**).

9. Alternativa c.

Ambos os textos exploram a personificação, figura por meio da qual atribuem-se emoções ou ações a seres inanimados. No Texto I, isso se evidencia em “as árvores, alegremente, formaram uma abóbada de ramos e folhas para as encobrir” e “Assim foi parida pelo Mayombe a base guerrilheira”. No texto II, a personificação se evidencia em “Os montes de mais perto respondiam,/Quase movidos de alta piedade”.

10. Alternativa a.

As afirmações I e II são verdadeiras, pois tanto o Texto I quanto o II fazem referência à luta contra o Islamismo, explorando sinais de interrogação (pontuação emotiva): em I, o poeta considera natural erguerem a espada contra os mouros (“Que furor consentiu que a espada fina,/Que pôde sustentar o grande peso/Do furor Mauro”); em II, o Velho do Restelo observa que os portugueses sempre terão bastantes guerras contra os islâmicos que “seguem a lei maldita”. A afirmação III, no entanto, está incorreta, já que, embora seja verdade que, no Texto II, condene-se a covardia de agredir uma mulher indefesa, no Texto I não se faz referência a alguma atitude covarde dos islâmicos contra os portugueses, apenas o Velho os critica por seguirem a “lei maldita”.

Parte II: Questões (valor: 6,0)**1.**

- a. No Texto I, Milagre se dirige aos leitores. No Texto II, o Velho do Restelo se dirige à “glória de mandar”/“vã cobiça”/“ vaidade”/“fama”.
- b. “Que mortes, que perigos, que tormentas,/Que crueldades neles experimentas!”

2.

- a. Milagre pensa que Sem Medo submete-se ao tribalismo ao não punir aqueles que são kikongos como ele ou aliados dos Kikongos.
- b. “Só um dos nossos é que foi.”

3.

- a. Ao fazer referência a Zeus, o narrador de *Mayombe* alude à cultura greco-latina/à mitologia greco-latina, alusão muito explorada como elemento estético nos textos classicistas, de que o Texto II é exemplo.
- b. “Que a Fortuna não deixa durar muito”.

4.

No fragmento, há metáfora (“deus vegetal” para se referir à mata e em “A gargalhada (...) era uma ofensa”) e personificação (explicitada pelo fato de a mata se ofender e obrigar as pessoas a cochicharem).

5.

Sem Medo ri da situação vexatória do trabalhador cujas fezes escaparam e escorriam por suas pernas, causando o “cheiro mais característico” referido do fragmento transcrito.